

# O BEM ESTAR NA CULTURA

A cultura do bem estar

Apresentação:

I – O BEM E O MAL EM PSICANÁLISE – um projeto de “**felicidade sustentável**” 2

II – O HOMEM E SUAS OBRA 4

III – PSICANÁLISE E CULTURA – psicanálise é cultura 6

IV – FÓRUM DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS 7

V – O FÓRUM E A FELICIDADE SUSTENTÁVEL – um estilo de existência<sup>28</sup> 8

VI – CONCLUSÃO 10

## RESUMO:

*Procuro mostrar nesse trabalho o quanto nossas obras guardam estreitos vínculos com nosso mundo interno, teço também algumas considerações sobre a vocação cultural da psicanálise, ilustrando o quanto venho encarnando isso, através de minha produção científica, geralmente voltada para o campo da psicanálise aplicada, e agora como criador de um movimento que visa aplicar na prática o quanto a psicanálise tem a oferecer a cultura e vice-versa. A rigor **psicanálise é cultura** desde o nascedouro. Defendo, por fim, um projeto de “**felicidade sustentável**” cristalizado na utopia do **Fórum de Ciências, Artes e Ofícios** e ofereço uma base metapsicológica que lhe dê suporte. Com isso espero servir de incentivo para que os colegas de profissão que desejarem desenvolvam experiências parecidas em busca dessa dimensão ética, política e social da psicanálise.*

---

<sup>28</sup>Trabalho apresentado no I ENCONTRO LATINO-AMERICANO DOS ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE – Instituto Sedes Sapientiae – SP, nos dias 12, 13 e 14 de outubro de 2001, dentro do grupo de estudo sobre sublimação.

## I – O BEM E O MAL EM PSICANÁLISE – um projeto de “**felicidade sustentável**”

Psicanálise e dialética são categorias inseparáveis. Qualquer tentativa de historicidade da psicanálise ou estudo do pensamento psicanalítico – independente do vínculo escolas – deve buscar uma certa abordagem dialética e implica numa evolução que se desdobra por meio de revisões e rupturas. Defendo que todas as *contradições/interpretações* do pensamento freudiano e de seus desdobramentos, não podem receber o mesmo tratamento nem serem atribuídas aos mesmos paradigmas. Tornam-se dignas da mesma “*atenção flutuante*”. *Atenção* mais próxima *possível* das expressões da ciência *impossível*. Mesmo as contradições mais desafinadas não podem ser ignoradas, pois além dos vínculos superficiais desviados, possuem elos latentes não desprezíveis – como ensinado em “*A interpretação dos sonhos*”. Mas são sobretudo as grandes contradições da obra psicanalítica que devem ser enfocadas. Desse modo o que emerge de atitudes interpretativas opostas é o nascimento dialético de uma disciplina cuja virtude maior é a de argumentar-se a si própria, sendo a psicanálise a *síntese ou categoria maior* dessa arte do perene diálogo .

Freud com essa obra de alcance sociológico – “*mal estar na cultura*” – forma uma unidade perfeita. Posso propor uma unidade oposta que chamo o *bem estar na cultura* e desenvolver um processo que pela união de contrários conduza a uma “categoria maior”. Com um raciocínio dialético chegar a conclusões mesmo que provisórias ou precárias. Resolução do método argumentador que encontra aceitação mais numa dimensão ética do que explicativa, mais pelo esforço do aprendizado do que pelo valor das conclusões.

A arte do diálogo, contudo, não pode ser inconsequente pois “o mecanismo de tais contradições só pode funcionar se os problemas ou os conceitos, em virtude dos quais elas surgem, estiverem relacionados com o equilíbrio estrutural no qual esses conceitos se inserem”.<sup>1</sup> Negligenciar tal estrutura conduz a infecundidade ou a um reducionismo.<sup>2</sup>

Penso que “o mal estar na cultura” guarda relação com o surgimento da problemática da morte na pesquisa psicanalítica. Lacan irá dizer que Freud realizará nele “a síntese de sua experiência e discorrerá sobre a tragédia da condição humana”<sup>3</sup>. Peter Gay: “é o livro mais sombrio” de Freud em que aborda a “miséria humana”<sup>4</sup>

Antes, em “Totem e Tabu”(1913) a morte ocupa lugar primordial numa espécie de “assassinato necessário”<sup>5</sup>. A sociedade humana estaria estruturada sobre um “regicídio” e só se liberta da sina homicida com sanções e uma reconciliação com o pai desonrado.<sup>6</sup>

Birman lembra que “o primado conferido à morte e não a vida na construção da sociedade e do sujeito foi o que conduziu progressivamente Freud a reconhecer a autonomia da força pulsional face a seus representantes”<sup>7</sup>, sendo o corolário desse curso a própria pulsão de morte que trafega silenciosa como pulsão sem representação. Essa direção marca uma mudança da subjetividade dentro do discurso freudiano onde do “vitalismo” próprio do primado do princípio do prazer caminha-se para um “mortalismo”, cujo movimento é muito mais no sentido da morte e do retorno ao inorgânico, do que no sentido da vida.<sup>8</sup>

Proponho o resgate não do primado vitalista anterior, mas da legitimidade dialética de sua presença como precursor de subjetividade. No mesmo texto<sup>9</sup> Birman mesmo teorizando a inevitabilidade do *desamparo* na obra freudiana, aponta este como força para a emergência do singular desejo frente aos descaminhos do eu narcísico em busca da “espetacular falicidade”<sup>10</sup> universal”. Não deixa o autor de se colocar na posição de *Esperança*<sup>11</sup> mesmo em meio a mal estar quando aponta uma “bússola” para “não nos

*perdermos na tormenta” e afirma que: “somente assim o sujeito pode traçar na carne o seu destino singular, pela construção de um estilo de existência”<sup>12</sup>*

Quando Freud enuncia que a felicidade não pode ser alcançada seguindo uma receita universal mas apenas de modo *singular* viabilizada por uma economia pulsional favorável, não descarta a possibilidade de se argumentar o singular. Singular não é apenas aquilo que é referente a *único, individual* mas também o que é *especial, distinto, notável*. Fugindo da lógica de que singular se aplica a *um só sujeito* podemos considerar singular, por exemplo, um grupo que de modo *notável e distinto* respeite, administre ou ao menos considere as singularidades dos seus membros. Grupo que renunciaria à crença na universalidade de seus postulados mas que não abriria mão da *bússola, do norte* que o singular possui de universal, para garantir as diversas singularidades envolvidas e desenvolver o projeto de uma **“felicidade sustentável”**. Grupo ou grupos especiais que desse modo estarão a serviço e vivendo do bem estar na cultura. Essa é a utopia do trabalho<sup>13</sup>.

Acredito num projeto de **“felicidade sustentável”** que em absoluto descarta a dor e o desamparo, mas têm esses elementos como ferramentas adicionais do próprio processo de sustentação. Uma coisa é certa, **só à partir de singularidades felizes podemos alcançar um plural feliz sustentável**. Essa, a utopia do FÓRUM DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS.

## II – O HOMEM E SUA OBRA

Em 1929, curiosamente o ano de o “mal estar na cultura”, Freud começou a registrar seu dia à dia e nos dez anos seguintes até sua morte em 1939, tomou nota dos eventos de importancia<sup>14</sup>. Atitude dialéticamente oposta da que tomaria em 1885 quando com vinte e nove<sup>15</sup> anos deu fim a cartas e documentos (inclusive quatorze anos de um diário íntimo), pois não estava disposto a facilitar o caminho para os seus futuros biógrafos.<sup>16</sup> Novo narcísico apego à vida? O fato é que essa breve crônica – *Kürzeste Chronik* – que retrata um

homem cada vez mais pesaroso quanto a humanidade, torna-se fundamental para os meus propósitos. Viso apontar a conclusão freudiana de como a obra reflete o homem<sup>17</sup>.

Tinha 73 anos quando começou a tomar notas daquela que seria a década final e o período mais difícil de sua vida. Período que assistiu o surgimento do nazismo, o exílio doloroso de uma Áustria/pátria ocupada para “*morrer em liberdade*” em Londres naquela que seria sua “*última guerra*”, pois estava morrendo lentamente de câncer. Os violentos sentimentos anti-semíticos que iriam afetar em muito sua atividade intelectual o ocupa durante a década de trinta e seu livro último “Moisés e o Monoteísmo” trata, conseqüentemente, das razões do por que dos judeus provocarem tal hostilidade furiosa.

Os registros mostram tanto o turbulento clima político na Europa quanto o tormento privado e o quanto sua família e os amigos estavam entrelaçados na sua própria vida e obra.

O diário começa em meio a tempos ruins, a meio caminho entre as duas grandes guerras e poucos dias depois ao Crash de Wall Street . Registra: “*bad heart days*”. Dirá a Ferenczi “*a situação privada é tal que eu preciso despender grande parte das minhas energias para manter um pouco de saúde que preciso para continuar o trabalho diário*”. A saúde precária e os desastres políticos serão leitmotifs dos últimos anos. Continuará trabalhando e seu trabalho nesse período reflete os problemas da sua época. O testemunho desse estado de alma é a carta que escreveu a Max Eitingon em que estaria dando a ele “*um presente **descontente de Natal***”<sup>18</sup>, o seu último diagnóstico dos problemas da civilização.

Fiel a verdade científica e a reflexão da realidade, através de sua análise da civilização e seus descontentes, ele estava também sendo capaz de expressar seu próprio descontentamento<sup>19</sup>.

Não tenho razões para fazer juízo diferente ao de Freud em relação ao mundo. Ao contrário, tenho mais motivos de reserva, pois em 1929 quando diz que não teriam os homens dificuldades de se exterminarem uns aos outros até o último deles, não tinha em

conta, ou tinha, a que ponto a destrutividade alcançaria, não só se exterminarem a todos mas qualquer tipo de vida ou o próprio planeta. O que cria uma mudança na subjetividade, afinal nunca antes teria tido o homem tanto poder de destruir como agora, capaz de fazer o planeta sumir do sistema solar.

Por outro lado, como o próprio Freud reconheceu, existe uma certa independência do mundo interno da realidade material e desse modo não posso deixar de admitir o quanto tenho podido experimentar de bem estar nessa vida e o quanto tenho podido gozá-la.

Dialética (o bem estar na cultura) que reflete um estado de espírito bem diverso ao de Freud de 29. Estado de alma não descontente que vem me ajudando a edificar com cols. um projeto cultural cujo principal objetivo é o de ser gerador de qualidade de vida e bem estar.

### III – PSICANÁLISE E CULTURA – psicanálise é cultura

*“Deus e o diabo na terra do sol” (Glauber Rocha).*

*“Deus é o diabo na terra do sol (Domingos Bernardo)*

Bernardo me diz que o e do filme do Glauber tem um agudo. Na terra do sol Deus é o diabo. Inferência que se aproxima da versão bíblica, afinal Lúcifer, o Príncipe dos demônios, foi antes um anjo de extraordinária beleza e glória e que foram perdidas pelo seu pecado<sup>20</sup>. No entanto Lúcifer (*do lat. lucifer – o que leva o archote, portador da luz*) era nome dado pelos romanos à estrela da manhã (*D'alva*), a Vênus.<sup>21</sup> Dizer: “Deus é a luz” não espanta o senso comum, agora afirmar que o “o diabo é a luz” fica mais difícil de sustentar. Bernardo tem razão, na terra do sol o diabo é Deus. Diabo e Deus, Conceitos que se entrelaçam.

Por analogia o Tema do Congresso “Psicanálise e Cultura” carece de um agudo acento e melhor seria dizer “Psicanálise é Cultura”. Constatar o constatado, pois psicanálise é cultura desde o seu nascimento. A começar pela própria formação de Freud que recebeu uma educação judaica não tradicional e aberta à filosofia do iluminismo, que quando jovem

imaginava superar os obstáculos através do estatuto de intelectual (filósofo, erudito e escritor). Namorou com o Direito e cedo teve despertado seu interesse pela política. A paixão pela teatro e literatura, sobretudo as obras de Shakespeare e a tragédia grega, foi notória.

Foi durante as reuniões da “Sociedade Psicológica das Quartas-feiras” em 1902, apenas dois anos depois da obra que fundaria a psicanálise<sup>22</sup>, que se elaborou a idéia de uma possível aplicação da psicanálise a todas as áreas do saber<sup>23</sup> e foi o próprio Freud que defendeu a noção de psicanálise aplicada ao publicar uma fantasia literária<sup>24</sup>. Em “O Interesse Científico da Psicanálise” nos diz: *“Meu objetivo terá sido atingido se eu tiver deixado claras as muitas esferas de conhecimento em que a psicanálise é de interesse e os numerosos vínculos que começou a forjar entre elas”* e comentado sobre “A interpretação dos sonhos” e sobre “Os chistes e sua relação com o inconsciente” que essas duas obras *“mostravam desde logo que os ensinamentos da psicanálise não podem restringir-se ao campo médico, mas são susceptíveis de se aplicar a outras diferentes ciências do espírito”*.<sup>25</sup> Nas “Novas conferências introdutórias” diz sobre a psicanálise que: *“devem resultar espontaneamente aplicações da psicanálise a numerosos campos do saber, em particular aos das ciências do espírito, aplicações estas que se impunham e exigiam ser elaboradas”*.<sup>26</sup> Ludwig Binswanger em 1909 dirá: *“Freud continua a considerar a psicanálise uma ciência total, o grande e novo meio de pesquisa que ele gostaria de ver aplicado à religião, à história e à arte”*<sup>27</sup> Por isso a psicanálise com seu estatuto de disciplina científica completa, principalmente na pessoa de seu criador, tornou-se um dos campos mais fecundos do saber.

#### IV – FÓRUM DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS

Com o compromisso de fomentar o *aprendizado, o conhecimento e o convívio*, torna-se um polo de pensamento e reflexão. Criado em 1998 por pessoas que acreditam nas expressões culturais como geradoras de *qualidade de vida*, pelos princípios da *autonomia* e

da *continuidade*, auxilia numa política profícua de cultura. Realizando inúmeros eventos, ininterruptos, o Fórum tem sido palco de palestras nos mais variados campos: do direito, psicanálise, filosofia, literatura, antropologia, sociologia, ciências políticas, fotografia, cinema, música, teatro, lançamento de livros, performances, entre outras.

O *Culturativa* (*Happy Hour* das sextas) tem como objetivo fomentar o encontro entre os associados, abrindo espaço para a troca de idéias, apresentação de projetos e realização de contatos. Trabalhamos lá os bastidores de nossas ações culturais. É projeto que o *Culturativa* torne-se um “*Café Filosófico*” – *Bar temático que funcione* como ponto de encontro de intelectuais responsáveis e de pessoas não indiferentes ao valores da cultura.

O *Ponto de Ebulição* é o projeto que reúne os jovens para discutir temas de livre escolha e afins. Desenvolvem o aprendizado, a capacidade crítica, a criatividade e o franco relacionamento. Torna-se um antídoto para proteger esse segmento da sociedade, poderoso e vulnerável, do isolamento, do ócio, da desesperança e da exposição abusiva das redes televisivas e cibernéticas, assim como dos abusos da cultura do consumo, onde a opção pelas drogas lícitas e ilícitas ganham dimensões alarmantes. Um lugar onde o encontro *real* volta a ocupar um lugar dentro desse *boom virtual*. Envolvidos com uma praxe assimilam os princípios do *Fórum* e tornam-se idealmente os componentes que irão tornar-se os futuros dirigentes e garantirem o princípio da *continuidade*.

Vários os projetos e várias as perspectivas para o desenvolvimento das ações no campo do saber. Afinal a cultura é essencial a uma nação. Por meio dela os grupos contribuem para o bem social e sobre ela se apoia a cidadania e soberania de um povo

## V – O FÓRUM E A FELICIDADE SUSTENTÁVEL – um estilo de existência<sup>28</sup>

O projeto de “felicidade sustentável” é a “utopia” de um estilo de vida ou “*um estilo de existência*” para Birman, cujo trabalho oferece recursos teóricos para o que surge na prática



do “Fórum”<sup>29</sup>. Uma tentativa de “*gestão do desamparo*” inspirada pela mudança do enfoque do conceito de sublimação. Para o autor no começo Freud acreditava na harmonia possível entre os registros do sujeito e do social, depois essa harmonia é questionada de modo que o desamparo do sujeito no social aparece no corpo de sua teoria. É então a desarmonia que toma lugar. Duas são as leituras da inserção do sujeito na cultura, mas em ambas é o conflito entre os registros da pulsão e da civilização que continua em pauta<sup>30</sup>. No primeiro momento o conflito seria sanável, na versão final seria gerido na melhor das hipóteses. Em 1908<sup>31</sup> Freud via no registro da pulsão a inserção desta na economia subjetiva, em 1929 o conflito pulsão/cultura é de ordem estrutural, irreduzível, sendo necessário uma administração ad eternum. E fundamental para meus propósitos é que para o autor, nesse deslocamento, o discurso freudiano sobre o conflito ganha uma perspectiva ética e política<sup>32</sup>.

A solução inicial, apesar das ressalvas de Freud, passa pela superação do desamparo pelo domínio das pulsões sexuais através da sublimação com a transformação do *sexual* em *não sexual* e modificação do alvo da pulsão. Por fim, com o sujeito jamais podendo se deslocar da posição originária de desamparo, reconhece que o mesmo deve fazer um trabalho infundável para administrar essa realidade. Reconhecer o desamparo possibilita o surgimento de outro conceito de sublimação, onde não existe mais a oposição entre sexualidade e sublimação. Outra economia do erotismo na sublimação que passa a consistir na transformação da pulsão de morte em pulsão sexual, onde o erotismo e o trabalho de criação se tornam possíveis<sup>33</sup>. Habilita-se tanto os destinos eróticos quanto sublimatórios para a pulsão. Se na primeira versão sublimação verticaliza-se num espiritual, num tipo de ascese, de purificação do erotismo e desprendimento da corporeidade, na segunda é corporalidade, horizontalização das ligações do sujeito com os outros (laços sociais). Não existe mais oposição entre erotismo e sublimação e sim uma implicação ética e política.

O cinto pulsional não seria mais auto-regulável e o registro da vida algo garantido com a psique surgindo automaticamente da ordem vital. Não é possível a felicidade pela mediação do logos científico. Com o conceito de pulsão de morte a concepção de uma harmonia com a cultura não é mais possível e no que toca aos humanos, a vida é algo a ser conquistada e não um valor apriorístico. A vida é, após a origem, um bem a ser produzido e reproduzido (pois a pulsão é força constante). Não basta produzir a vida em contraposição à morte originária (desamparo originário): é preciso reproduzi-la permanentemente, por toda a existência. E para isso o sujeito precisa do outro, sem o qual o circuito pulsional não se ordena jamais. O princípio do prazer e o erotismo seriam coisas a serem conquistadas pelo sujeito, para que a ordem vital se torne possível.<sup>34</sup> Pela mediação do outro a morte da origem é transformado em prazer e erotismo tornando viável a existência, “*dívida simbólica*” indiscutível. O sujeito apenas se constitui pela transformação das forças pulsionais realizada pelo outro, precisa do outro para se produzir e reproduzir como tal. Sem o outro não existe cinto pulsional, e a força se dissolve na descarga. O sujeito é obrigado a realizar a gestão do conflito nos campos políticos e social, pois seria regido pelos laços sociais<sup>35</sup>.

## VI – CONCLUSÃO

Vemos o **Fórum de Ciências, Artes e Ofícios**, dentro do campo social e político como esse lugar onde o sujeito não é obrigado, mas convidado a realizar a gestão do seu conflito sob a regência dos laços sociais; como esse outro que transforma a morte original em prazer e erotismo; onde não há idealmente “*dívida simbólica*” mas “*dividendo simbólico*”. Topos onde o erotismo e o trabalho de criação se tornam possíveis, onde *locus scientificus* e a *ars erotica* se entrelaçam e a verdade científica é extraída do próprio prazer, encarado como prática e colhido como experiência. Onde ideais verticais desafetizados<sup>36</sup> cedem lugar a corporeidade horizontal dos laços sociais. Onde morte digerida em vida seja o único ideal.

---

<sup>1</sup> Laplanche, J. – Vida e Morte em Psicanálise (1985) – Artes Médicas

<sup>2</sup> idem

<sup>3</sup> Roudinesco, E. e Plon, M. – Dicionário de Psicanálise (1997) – Jorge Zahar Editor

<sup>4</sup> idem

<sup>5</sup> idem

<sup>6</sup> idem

<sup>7</sup> Birman, J. – Mal estar na atualidade (1999) – Civilização Brasileira

<sup>8</sup> idem

<sup>9</sup> escolhido por sua proximidade ao texto de Freud de 1929. Freud a muito se preocupava com “um mal estar na atualidade”, e que aparece registrado numa carta a Abraham em 04 de março de 1915, quando falando de seu ensaio “Considerações **atuais** sobre a guerra e a morte” qualificou de “CONVERSA DA ATUALIDADE”.

<sup>10</sup> O conceito de *falicidade* é aqui pensado como algo contrário a *felicidade*

<sup>11</sup> A primeira mulher recebe o nome de *Pandora* (como se representasse o presente de todos os deuses). A famosa caixa aberta por sua curiosidade feminina evolam todas as calamidades que até hoje atormentam os homens. Só a teimosa *Esperança* permaneceu. A última que morre!

<sup>12</sup> Birman, J. – Mal estar na atualidade (1999) – Civilização Brasileira

<sup>13</sup> O termo cunhado por Thomas Morus (1480 –1535) traz no seu âmago a possibilidade de *Formular Racionalmente* situações ideais, que não se opõem a realidade e que se guiam por uma atividade cujo fim é mudar essa realidade para melhor. Portanto é um erro limitar *Utopia* ao que é ilusório e inatingível. Birman parece saber disso e dá a um de seus subtítulos o nome “Utopia” interrogado (pág 119).

<sup>14</sup> Molnar, M. – The Diary of Sigmund Freud, a record of the final decade – Freud Museum, London

<sup>15</sup> Tinha **29** anos quando deu fim a um primeiro diário. Em **1929** retoma um diário. Aludo aqui a Numerologia de Fliess que tanto o impressionou numa época.

<sup>16</sup> Sartre, J. Paul – Freud Além da Alma (1984) – Nova Fronteira

<sup>17</sup> Freud, S. – Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910) – *ESB - Imago*

<sup>18</sup> referência ao livro “civilização e seus descontentes” que tinha sido completado exatamente quando do início do diário e que foi dado de presente ao amigo.

<sup>19</sup> Molnar, M. – The Diary of Sigmund Freud – Freud Museum, London.

<sup>20</sup> a Bíblia Sagrada – Edição Barsa(1971)

<sup>21</sup> tanto que luciferário é aquele que leva lanterna em procissões (cerimônias religiosas).

<sup>22</sup> A Interpretação dos Sonhos

<sup>23</sup> Roudinesco, E. e Plon, M. – Dicionário de Psicanálise

<sup>24</sup> Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen (1907)

<sup>25</sup> Roudinesco, E. e Plon, M. – Dicionário de Psicanálise

<sup>26</sup> idem

<sup>27</sup> idem

<sup>28</sup> alusão a terminologia usada por Joel Birman.

<sup>29</sup> Segue-se um método de trabalho de um questionamento do discurso psicanalítico pela categoria do social.

<sup>30</sup> Birman, J. – Mal estar na atualidade

<sup>31</sup> Freud, S. – Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna (1908) – *ESB – Imago*.

<sup>32</sup> grifo meu

<sup>33</sup> Grifo meu

<sup>34</sup> Birman, J – Mal estar na atualidade –

<sup>35</sup> idem

<sup>36</sup> onde não tenha lugar para o fiz isso em nome de Deus, em nome da pátria, em nome do Fórum, em nome de (...) nem que para isso eu precise (...)